

O ENSINO DA COR: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA HÍBRIDA

L'ENSEIGNEMENT DE LA COULEUR: UNE PROPOSITION MÉTHODOLOGIQUE HYBRIDE

Diana Patrícia Medina Pereira / UFC
Naiana Cabral / Faculdade de Belas Artes de Madri

RESUMO

Este artigo relata uma série de ações pedagógicas que visaram estudar a interação com a cor. Diante de desafios dispostos na convivência com novas tecnologias, como jogos e redes sociais, aplicamos uma série de possibilidades de entendimento da ação das cores no nosso cotidiano que integram a utilização de dispositivos móveis. Trabalhamos amparadas nas ideias de educação do sensível, defendidas por João-Francisco Duarte Jr. Abrimos possibilidades de entendimento sobre a cor, utilizando diversas linguagens artísticas, como a colagem, a performance e a instalação. Nossa reflexão teórica também se ampara nos escritos de Kandinsky, Joseph Albers, Lúcia Santaella e Henri-Pierre Jeudy.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da cor; Ação educativa; Performance

SOMMAIRE

Cet article présente une série d'actions pédagogiques visant à étudier l'interaction avec la couleur. Face aux défis organisés dans la coexistence avec de nouvelles technologies telles que: les jeux, les réseaux sociaux, nous appliquons une série de possibilités de compréhension de l'action des couleurs dans notre vie quotidienne qui intègrent l'utilisation des appareils mobiles. Nous travaillons soutenu par les idées d'éducation du sensible défendues par João-Francisco Duarte Jr. Nous ouvrons des possibilités de compréhension de la couleur, en utilisant des langages artistiques divers comme le collage, la performance et l'installation. Notre réflexion théorique s'appuie également sur les écrits de Kandinsky, Joseph Albers, Lúcia Santaella et Henri-Pierre Jeudy.

MOTS-CLÉS: Enseignement de la couleur ; Action éducative ; Performance

Introdução

Ensinar a cor é sempre um desafio. Como aprender sobre cor? Por onde começar? Que instrumentos utilizar? Tintas? Luzes? Quais os princípios do entendimento das cores, se a cor é, antes de tudo, percepção? Aqui, apresentamos algumas experimentações direcionadas ao ensino da cor, assim como uma reflexão sobre as diferentes possibilidades de aprendizado que temos hoje à nossa disposição inclusive, no meio digital. Estas experimentações ocorreram em 2017, com alunos da disciplina Comunicação Visual II, do curso de Design Digital da Universidade Federal do Ceará. Participou destas experiências uma turma com 27 alunos. Todas as experiências que serão aqui expostas foram vivenciadas de forma coletiva.

As ações educativas aqui apresentadas buscam estudar a interação com a cor. Nossas primeiras vivências foram com papéis coloridos, influenciadas pelas propostas de Josef Albers (1888-1976). Em seguida, realizamos uma performance como experiência social. No decorrer da disciplina, utilizamos um aplicativo de jogos e uma rede social. Para finalizar, houve uma instalação/performance que nos possibilitou expandir nossos questionamentos sobre a cor.

Partindo do princípio que a cor pode ser experimentada de forma prática, acreditamos, por consequência, que a prática leva à reflexão. Então, neste artigo apresentamos as experiências concomitantemente a uma reflexão teórica.

O ensino das cores

Estas ações educativas seguem na busca de uma “educação do sensível” como nos coloca João-Francisco Duarte Jr.

[...] investir-se numa educação do sensível significa não somente o desenvolvimento de pessoas mais plenas e inteiras em seu contato (pessoal e profissional) com o mundo, mas também a criação daquelas bases humanas sobre as quais poder-se-á erigir novos parâmetros do conhecimento, sejam eles chamados de transdisciplinares ou holísticos. (DUARTE Jr, 2001, p.34)

Diante do investimento numa educação mais humana, acreditamos que a pesquisa por caminhos mais efetivos e mais próximos da realidade dos alunos promovem uma qualidade maior na absorção do conteúdo. Formar pessoas é colocá-las diretamente ligadas com as transformações que a educação pode oferecer. Buscamos com a utilização de uma metodologia híbrida o entendimento de que o

estudo das cores não é apenas uma teoria distante e sim parte integrante de nossa vida.

[...] a inserção desse sujeito numa dada realidade, numa dada comunidade e cultura local não pode ser menosprezada em favor de um universalismo abstrato e extirpador de raízes. Sentir o mundo consiste, primordialmente, em sentir aquela sua porção que tenho ao meu redor, para que então qualquer pensamento e raciocínio abstrato acerca dele possa acontecer a partir de bases concretas e, antes de tudo, sensíveis. (DUARTE JR., 2001, p.175)

Tradicionalmente, quando nos disponibilizamos a estudar as cores, pensamos imediatamente nas tintas, e com elas, água, papéis, um pouco de sujeira e algumas experiências que continuam distantes de nossa realidade. Todo um conteúdo que deveria ser adquirido diante deste esforço para aprender que as cores se misturam, influenciam-se e valorizam-se pode simplesmente desaparecer depois destas experimentações, dada a distância e a formalidade destes métodos educacionais. Ressaltamos a importância de uma metodologia de ensino que abrace novas tecnologias e que se integre com a realidade dos alunos, buscando um entendimento maior do conteúdo oferecido. Afirmamos que existem outras possibilidades de prática e aprendizado que vão além das tintas e podem nos ensinar de forma mais concreta sobre a influência das cores entre si.

Estudar com papéis coloridos

No aprendizado das cores, é importante conhecer as influências e a percepção do que apenas a simples visualização e definição dos matizes. No estudo tradicional, utilizando a mistura de cores, temos a percepção de como estas cores se fundem criando outras; porém perdemos no aprendizado de como estas cores se influenciam por vizinhança, devido a pouca praticidade do material. E isso dificulta o entendimento de como as cores interagem. Joseph Albers (2009) explicita no início de seu livro “A interação da cor”: “Estamos interessados na interação da cor, isto é, na observação do que acontece entre as cores” (2009, p.9). Partindo deste pensamento, decidimos por trabalhar em sala de aula com papéis, juntamente com exposições teóricas que tratavam da fisiologia do olho, a captação e diferenciação da luz por este órgão.

Na utilização de papéis, podemos criar várias associações e perceber o potencial de influência das cores de maneira rápida e clara. Albers foi o pioneiro em sistematizar

e demonstrar o ensino das cores com a utilização de papéis. Ele justifica que o ato de trabalhar com estes materiais traz facilidade no manuseio, além da praticidade, evitando diversas diferenças quanto à saturação, ao brilho e à densidade.

Dispositivos digitais no ensino das cores

Realizamos muitos dos exercícios propostos no livro de Josef Albers. Como resultado, pudemos compreender a influência das cores quando aproximadas, suas consequências e seus resultados. Partindo deste mesmo princípio, passamos a solicitar desafios que deveriam ser realizados no campo digital utilizando um jogo. Com o “*I love hue*”, um jogo apresentado em forma de aplicativo para celulares, executamos alguns desafios que fortificaram o conteúdo apresentado na composição com papéis. O aplicativo tem vários níveis e nossa proposta foi ultrapassar os níveis iniciantes.

Utilizando o aplicativo, trabalhamos com cor-luz, o que normalmente utilizamos no meio digital. Esta maneira de iniciar – com cor-pigmento e a passagem para o digital, além de aulas teóricas que esclareceram as diferenças destes meios e a realização de desafios utilizando-se de dispositivos diversos – possibilitou a apreensão deste conteúdo de modo diferenciado e eficaz, através do jogo.

Os neurocientistas estão começando a revelar como o jogo afeta a maturação cerebral, a competência social, o impulso do controle e da redução do stress; como ele engendra emoções positivas ao estimular a endorfina e a dopamina. (SANTAELLA, 2013, p.255)

O jogo entrou como uma ferramenta no aprendizado das cores. Nosso objetivo principal era visualizar o grande diferencial que pode acarretar num matiz à sua vizinhança, podendo alterar radicalmente seu efeito final. Durante as aulas, podemos observar os níveis atingidos pelos alunos assim como o compartilhamento do aplicativo para quem não tivesse um celular, o que ocorreu com uma pequena minoria, pois o aparelho celular é algo quase massificado em sala de aula.

Outro aplicativo trabalhado em sala de aula foi o *Facebook*, uma rede social muito presente na comunidade brasileira na atualidade. Nossa proposta foi trocar por uma semana, o intervalo entre uma aula e outra, a foto do perfil por um matiz da escolha do aluno, na condição de revelar apenas que se tratava de uma experiência digital. Todos os alunos trocaram suas fotos de perfil e levaram na semana seguinte os

comentários recebidos com o ato. Nosso objetivo com esta nova experiência era saber se aquela atitude causaria algum retorno e, em caso afirmativo, qual tipo de retorno. Nesta experimentação, estávamos pesquisando o efeito das cores num contexto social e subjetivo, indo além do visual.

Na semana seguinte, os alunos apresentaram os comentários surgidos. Perguntas frequentes especulavam o real motivo da troca. Outras pessoas que não faziam parte da turma também trocaram suas fotos de perfil e o que não agradou muito a turma foram os poucos *likes* nas fotos. De fato, a mudança provocou um estranhamento.

A base técnica e lógica da internet é, sobretudo, maleável. Na web – ela mesma uma inovação lógica –, essa maleabilidade é levada ao extremo: as interfaces dos sites desdobram-se por meio do navegador, e o único obstáculo verdadeiro à difusão de uma nova aplicação encontra-se nos meandros da economia da atenção. Basta reconhecer as novas funcionalidades e conteúdo que são disponibilizados todos os dias. Malgrado as convenções e tendências em que se estruturam, o espaço de possibilidades é imenso. Esta plasticidade tornou a internet um meio multiforme, capaz de abrigar uma pluralidade de configurações comunicacionais. (SANTAELLA, 2013, p.310)

Lançamos nossa experiência dentro deste terreno maleável da internet. O estranhamento causado pela alteração da foto de perfil foi apenas um dado a mais no cotidiano das pessoas. O matiz, utilizado de forma não comum, causou um estranhamento sobre o que exatamente se queria dizer, já que, para cada um de nós, abre-se uma percepção subjetiva quando utilizamos determinadas cores. O preto, que alguns tomam como luto, é percebido por outros como um estilo gótico, por exemplo. Ficou claro que poderíamos ir mais além na vivência das cores. Poderíamos buscar reações diretas e não apenas virtuais através da utilização de certos matizes. Pensamos então em utilizar a performance como ferramenta de imersão nas cores...

A performance como ação educativa

Diante da ampliação dada ao conteúdo, acreditamos que a performance deveria entrar na disciplina como ação educativa e, assim, poderia ajudar-nos com toda sua carga de vivência corporal.

A metodologia pode ser considerada como método em ação, onde os princípios do método (atitude inicial, básica, de percepção da realidade e suas contradições) estarão mencionados na realidade da prática educacional. (FUSARI, 1988, p.18)

Com o andamento de nossos estudos práticos e teóricos, acreditamos na importância de utilizar com mais propriedade o nosso corpo no aprendizado das cores, abrindo nossos métodos de estudo. Assim, passamos a integrar a ideia da performance como ação educativa.

Havíamos trabalhado até então com a interação das cores enquanto referências associativas materiais. Em seguida, estávamos interessados em levantar, de forma pragmática, dados sobre a influência das cores no convívio social. A performance enquanto linguagem artística veio realçar esta sequência de ações educacionais.

Nossa proposta era experimentar uma cor com a turma inteira e observar os resultados. Decidimos vestir uma cor de forma coletiva. Realizamos uma votação, em que o azul e o vermelho ficaram em destaque. Numa segunda votação, ganhou a cor vermelha. Nossa teoria tinha o propósito de entender como um matiz agia no cotidiano e quais conclusões nós teríamos ao utilizar determinada cor. Se haveria algum impacto. Partindo do princípio que a cor influencia no nosso cotidiano, queríamos provocar situações em que o matiz pudesse mover questionamentos e criar associações subjetivas.

No dia marcado, todos os participantes vieram de vermelho. Passeamos pelo *campus* e posamos para algumas fotografias. As imagens resultantes sugerem composições construtivistas em que elementos cromáticos e geométricos ocupam a composição. A ausência de rostos e perfis nas imagens reforça a ideia de composição abstrata e nega a subjetividade dos *performers* (figura 1).



Figura 1: Performance “Vermelho”, acervo pessoal.

No final da tarde, estávamos todos exaustos, visualmente falando. Houve relatos de mal-estar, ânsia de vômito e dores de cabeça. Dispersamos a turma na intenção de conversarmos sobre a experiência na aula seguinte.

Na análise de nossa ação performática, chegamos a algumas conclusões: a primeira delas foi da força do vermelho, pois observamos que esta performance causou reações fisiológicas e psicológicas. Em segundo lugar, que a cor pode modificar o estado do cotidiano.

Nossa primeira observação deve-se ao fato de que todos os participantes se sentiram esgotados no final do dia, alguns com ânsia de vômito inclusive. Porém, isso ocorreu com aqueles que estavam sentados no fundo da sala e podiam ver todos os alunos vestidos de vermelho. Os que estavam mais no início da sala relataram menos cansaço visual, pois, devido à posição, não visualizavam toda a turma.

As alterações observadas no cotidiano partiram do relato de alguns alunos que foram criticados por usarem o vermelho, sendo taxados de esquerdistas. Apenas utilizar uma cor poderia causar tantas consequências?

A ação da cor é física e psicológica. Assim, pudemos comprovar na prática o que foi dito por Kandinsky;

L'âme étant, en règle générale, étroitement liée au corps, il est possible qu'une émotion psychique en entraîne une autre, correspondante, par *association*. Par exemple, la couleur rouge peut provoquer une vibration de l'âme semblable à celle produite par une flamme, car le rouge est la couleur de la flamme. Le rouge chaud est excitant, cette excitation pouvant être douloureuse ou pénible, peut-être parce qu'il ressemble au sang qui coule. Ici cette couleur éveille le souvenir d'un autre agent physique qui, toujours, exerce sur l'âme une action pénible¹. (KANDINSKY, 1954, p.108)

Com a realização desta performance, buscamos comprovações empíricas das alterações causadas por uma cor, no caso o vermelho. Pudemos avaliar nessa tarde que este matiz pode provocar reações físicas e psicológicas; sua ação nunca é indiferente.

Sua associação com sangue ou partidos políticos é uma relação subjetiva que, de uma forma ou de outra, foi provocada e recebemos esta resposta *in loco* durante a performance.

Para além das questões avaliadas em relação ao matiz vermelho, pudemos utilizar a performance como uma ação educativa de fato. Segundo Niza Ciotti:

As linguagens que são trazidas para dentro dela (da performance) só se encontram, se fecham, na hora em que estão sendo apresentadas, ou seja, seu conteúdo vem *a posteriori*. Ao pensarmos sobre o conceito de performance, é preciso perceber pelo menos três elementos básicos simultaneamente: corpo, voz e lugar. (CIOTTI, 2014, p.17)

Neste caso da utilização da performance como ação educativa, tivemos a presença do corpo representado pelo corpo de alunos que andava em conjunto, todos utilizando a mesma cor e realizando paradas preestabelecidas para o registro fotográfico. A voz era atitudinal, não havendo a necessidade de falarmos ou explicarmos a utilização do vermelho. Isso ficou como um questionamento aberto. Nossa voz foi simbólica e lançou diversas interpretações possíveis. É válido ressaltar que foi acordado que ninguém falaria com outras pessoas que não fossem do próprio grupo de alunos durante a performance, o que acentuou o aspecto de grupo. Para salientar ainda mais a performance, o local escolhido foi dentro do *campus* universitário. Esta ação performática teve seu caráter consistente quando não nos dispersamos e agimos na exploração do local.

Tínhamos os elementos de uma ação educativa performática e pudemos coletar dados que reforçaram nosso estudo das cores de forma diferenciada e pertinente. Partindo das respostas encontradas nesta ação, estabelecemos outra ação educativa que englobaria não apenas a performance, mas também a instalação como ferramentas no aprendizado das cores.

Azul de quê?

Depois de experimentarmos diversos métodos para o aprendizado da cor, resolvemos investir num projeto ainda maior, que englobasse a performance e a instalação como meios de percepção da cor.

A cor é “o lugar onde nosso cérebro e o universo se juntam”, diz Cézanne, naquela admirável linguagem de artesão do ser que Klee

gostava de citar. É em proveito dela que cumpre fazer cindir a forma-espetáculo. Não se trata, portanto, das cores, “simulacro das cores da natureza”, trata-se da dimensão de cor, a que cria espontaneamente nela mesma identidades, diferenças, uma textura, uma materialidade, um algo... Entretanto, decididamente não há receita do visível, e a simples cor tampouco é, como o espaço, uma receita. (MERLEAU-PONTY, 2013, p.43)

Neste momento cabe salientar que já havíamos ultrapassado uma compreensão elementar das cores. Diante das vivências propostas até então, a cor passava a ter um significado maior, um sentido ampliado. Era essencial desenvolver um trabalho de conclusão da disciplina que demonstrasse esta expansão de conceito.

A ação pedagógica consistiu em uma palestra, seguida de uma discussão sobre as intervenções a serem feitas no espaço para formulação de uma instalação/performance baseada na cor azul, chamada “Azul de quê?” nome esse criado pelos próprios alunos.

A experiência com os alunos foi recíproca desde o início. Num primeiro momento, em formato de palestra no Centro Cultural Cego Aderaldo, foi apresentado o Projeto Água Viva², seus conceitos e motivações, bem como uma explanação acerca do conceito de “água viva”³ do Dr. Masaru Emoto⁴, e considerações sobre as relações com a cor azul a partir da perspectiva do *Feng Shui*⁵, numa performance contínua (Azul) por uma estética da vida cotidiana.

Na produção da instalação, houve experimentações com tecidos, papéis, luzes, sons e projeções, que ocupavam o espaço e davam forma a um ambiente único que parecia uma ilha azul, um buraco azul no espaço-tempo. Graças ao trabalho coletivo, em pouco tempo foi possível realizar uma transformação espacial. A turma dividida em equipes revelou a força do trabalho coletivo e isso ficou visível aos alunos da produção, como coautores de uma obra artística (figura 2).

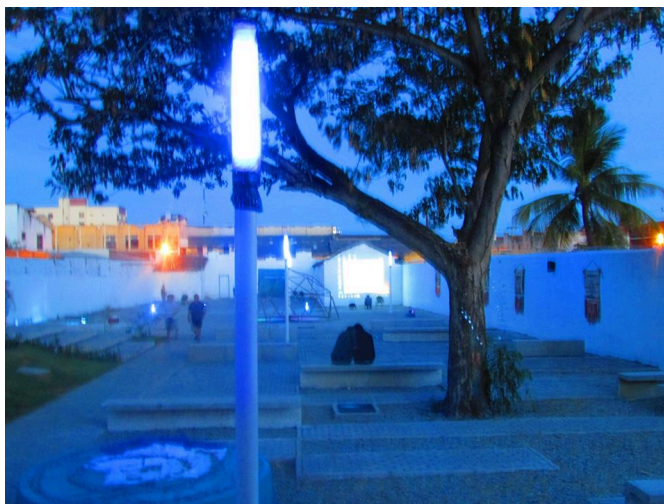


Figura 2: Azul de quê? - Instalação/performance, acervo pessoal.

A participação dos alunos estava também em suas vestimentas azuis, que compõem com seus corpos o espaço, fazendo parte da instalação/performance juntamente com o público convidado a comparecer também vestido de azul.

“Azul de quê?” foi uma experiência coletiva de construção de um espaço/tempo azul com sonoridades aquíferas, horizonte marítimo e amplitude astronômica, a qual deu lugar a uma performance ritualística que evocava seres cósmicos para interferirem em nosso mundo com graça. Luzes, tecidos e objetos azuis compunham o espaço, assim como as pessoas que foram convidadas a comparecerem vestidas de azul, formando parte de uma grande performance coletiva em que o público e todos os envolvidos no projeto faziam parte da obra.

Uma instalação sonora ocupou a entrada do local até o interior do espaço, formando um trajeto de águas sonoras, começando com a chuva, passando por uma nascente, cachoeiras, um rio e desembocando no mar sonoro que levava ao horizonte marítimo projetado. A figura de Yemanjá, Rainha do Mar, estava no centro de uma caixa d’água ornamentada por tecidos azuis e pedrinhas que formavam uma espiral foi o polo de início do ritual. Através de um canto, estabeleceu-se uma conexão com o plano do astral, uma energia que ocupava o espaço, as pessoas. Foi a força da performance, um campo de força que se criou no tempo.

Com o corpo energizado e com as energias sutis, encaminhamo-nos ao mar, no horizonte descontínuo formado por uma instalação com projeções de quatro fotografias do mar ao fundo do espaço, o que criava uma perspectiva ilusionista,

como se houvesse o mar em pleno sertão. Adentramos em cada fotografia, tomando um banho de luz, de mar, energizando-nos ainda mais com a energia emanada pela imagem do mar, uma vez que, de acordo com a teoria do Dr. Masaru Emoto, “As caras da água”, a imagem é capaz de refletir a mesma energia daquilo que representa. Eis a alquimia da arte!

Em seguida, direcionamo-nos a uma geodésica de madeira construída pelos alunos onde foi disposto o Baguá⁶ de *Feng Shui* no chão. Saindo de seu centro, havia uma projeção do planeta Netuno que passava por uma travessa de vidro com água e aparecia no centro da parte superior, sobre um pano branco. A imagem do planeta ainda passava por um cristal branco de *Feng Shui* dependurado no centro da geodésica, refletindo pequenos arco-íris no espaço. Posicionados no apartado azul do Baguá, começamos um ritual de conexão com o planeta Netuno, interagindo com a projeção como se tocasse no planeta, e logo interagindo com a água, bebendo-a e brincando, o que deformava a imagem do planeta e criava outras plasticidades. Também interagimos com o cristal, rodando-o e fazendo girar os arco-íris (figura 3).

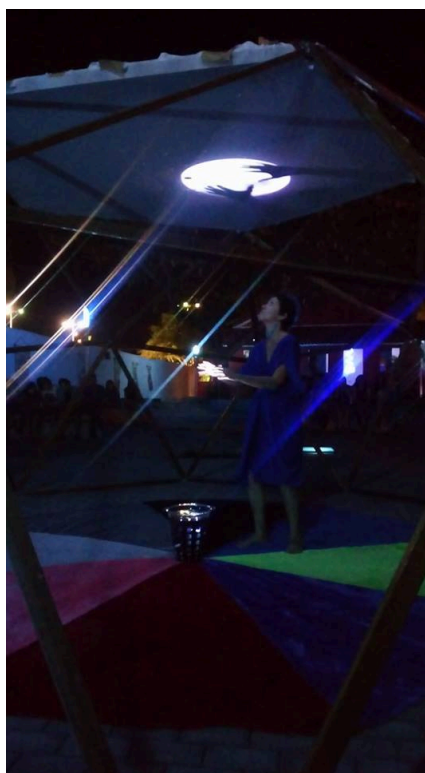


Figura 3: Azul de quê? – Instalação/performance, acervo pessoal.

Nessa atmosfera, foi declamado um poema, lançado como uma onda, atravessando os corpos, purificando-os e instaurando uma energia de suspensão do que se crê real e de novas realidades possíveis e acessíveis experimentadas através da arte.

Após a performance, houve um momento de confraternização com os alunos e o público revelou o afeto instaurado entre todos unidos em um espaço-tempo plástico, artístico, experimental. O *feedback* recebido foi reconfortante, com acolhimento de pessoas muito receptivas. Então, ficou a pergunta: Azul de quê? Afirmamos após essa belíssima experiência: azul de afeto, de amor, de reciprocidade, de calma, tranquilidade e espiritualidade. Estes são os conceitos envolvidos nessa imersão no azul.

A ampliação do conceito de cor

Com estes trabalhos, abrimos reflexões ainda mais potentes sobre o significado das cores. Neste último experimento coletivo proposto na disciplina, tivemos a transformação de um local por meio da performance.

O corpo, as novas tecnologias e uma infinidade de acontecimentos e de situações sociais contemporâneas confundem a fronteira entre cognição pessoal e o mundo. Assim, também a experiência pedagógica não pode ser separada da artística. (CIOTTI, 2014, p.62)

Como resultado de nosso trabalho de revestir o local com azul e ocupar o espaço com os sons da água. Assim, agimos de mãos dadas com as novas tecnologias, expandindo a ação performática. Neste evento, propusemos um mergulho no matiz azul bem como uma reflexão sobre a água no nosso planeta. De forma direta, queríamos abrir questionamentos sobre a importância deste bem que nos é de grande importância.

Cada performance é um mundo em si, uma cenografia única no decorrer da qual os gestos corporais serão eles próprios únicos. Cada uma se apresenta como uma crítica feroz ao funcionamento usual das relações sociais, sem colocar o público em uma situação de espetáculo, mas, ao contrário, abolindo qualquer distância pelo terror das revelações. (JEUDY, 2002, p.116)

O que nos foi apresentado naquela noite não era um espetáculo em que as respostas foram facilitadas. Pelo contrário, muitas pessoas se perguntavam o que de fato estava acontecendo: uma performance/ritual onde se clamava pela água num local onde tudo era azul.

Uma das potências maiores da performance é abrir questionamentos. O que não foi diferente nesta ação, inclusive o nome da instalação/performance, “Azul de quê?” que foi escolhido pelos alunos. No Sertão Central, não se costuma falar da água de maneira insignificante, pois se sabe da sua importância. Mesmo assim, conseguimos abrir reflexões de forma incomum, por meio de uma instalação/performance.

Considerações finais

A disciplina na qual foram realizadas todas estas experiências foi Comunicação Visual II, em cuja ementa, a cor é o conteúdo principal. Nossos alunos estão e estarão imersos no universo digital continuamente e o aprendizado de tal conteúdo se deu de forma híbrida. Exercícios com cor em pigmento, cor-luz, jogos, redes sociais, performance e instalação compuseram uma rede de demonstração em que a influência da cor foi trabalhada de forma múltipla. Salientamos a cor como agente influenciador de si mesma e do seu ambiente neste aprendizado e ampliamos o conteúdo da disciplina para além da sala de aula.

Notas

¹ A alma, em regra geral, sendo estreitamente ligada ao corpo é possível que uma emoção psíquica leva a uma outra, correspondente, por associação. Por exemplo, a cor vermelha pode causar uma vibração da alma semelhante àquela produzida por uma chama, porque vermelho é a cor da chama. Vermelho quente é excitante, essa excitação pode ser dolorosa ou pungente, talvez porque pareça que o sangue está fluindo. Aqui, esta cor desperta a memória de outro agente físico, que sempre exerce na alma uma ação dolorosa (tradução livre).

² Água Viva é um projeto de investigação em arte e criação baseado nas relações entre arte e vida e consiste em um conjunto de criações, ações e reflexões acerca do elemento água desde uma perspectiva artístico-científica experimental. A partir do estudo e experimentação do elemento água, desde a performance, base de nossa prática artística, trabalha-se a dança, a paisagem sonora, a fotografia, o vídeo, a instalação e a intervenção urbana em um projeto interdisciplinar levando uma mensagem da água a diferentes contextos, de espaços públicos a privados, de espaços cotidianos a espaços de arte, por vezes, relacionando-os em ações que vão de um espaço a outro traçando uma conexão entre ambos.

³ Segundo o Dr. Masaru Emoto, a água vem nos dizer algo: basicamente que quer ser “água viva” e não “água morta”. A “água viva” encontra-se na natureza, enquanto a “água morta” encontra-se nos grandes centros urbanos. Em suas investigações sobre a água, ele analisou mostras de diferentes procedências, congelando-as e fotografando os cristais que se formavam no processo. O novo método de avaliação da água descoberto pelo Dr. Masaru Emoto é um método único de abordar o estudo da água chamado “As caras da Água”. Ele sustenta a ideia de que os cristais de água dão visibilidade e mostram toda a informação armazenada por esta, deixando sua marca em sua estrutura. Quanto mais perto da natureza estiver a água, mais harmônicos serão os cristais.

⁴ Masaru Emoto nasceu em Yokohama, Japão, no dia 22 de Julho de 1943 e faleceu em 17 de outubro de 2014. Foi um cientista de renome mundial, ficando mais conhecido quando documentou visualmente as mudanças moleculares na água por meio de suas técnicas fotográficas. Segundo ele, palavras ou pensamentos fazem com que as moléculas de água se comportem de formas diferentes.

⁵ O *Feng Shui* é uma arte milenar chinesa que se baseia na observação da natureza para a construção de edificações harmônicas que favoreçam a livre circulação da energia *Chi*, que para eles é a energia vital que anima a vida. Na perspectiva do *Feng Shui*, a cor azul é a cor do céu e das águas, da verdade, da intuição, do inconsciente, da expansão, da serenidade, da sinceridade, do poder no plano mental e da realização espiritual.

⁶ O Baguá de *Feng Shui* é uma ferramenta octogonal em que cada parte corresponde a uma cor e a uma área da vida, e é utilizada para sobrepôr a planta do espaço a fim de identificar cada área no espaço físico. No Baguá, a cor azul corresponde à espiritualidade. Nesse caso o Baguá utilizado é uma obra de 3m x 3m feita de tecido aveludado, apresentado como trabalho final da disciplina de *Arte, Ciencia y Naturaleza* do *Máster en Investigación en Arte y Creación* na Universidad Complutense de Madrid em 2014.

Referências

- ALBERS, Josef. *A interação da cor*. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2009.
- CIOTTI, Naira. *O professor-performer*. Natal, RN: EDUFRN, 2014.
- DUARTE Jr, João Francisco. *O sentido dos sentidos. A educação (do) sensível*. Curitiba, PR: Criar Edições, 2001.
- FERRAZ, Maria Eloísa C de T; FUSARI, Maria F de Rezende. *Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições*. São Paulo, SP: Cortez, 2009.
- GAGE, John. *A cor na arte*. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2012.
- JEUDY, Henri-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2002.
- KANDINSKY, Wassily. *Du spiritual dans l'art, et dans la peinture en particulier*. Paris, FR: Folio, Essais, 1989.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2004.

Diana Patrícia Medina Pereira

Diana Patrícia Medina Pereira é licenciada em Artes Visuais pelo Instituto Federal do Ceará, mestra em Criação, Teoria e Mediação pela Universidade Jean Jaurès – Toulouse, França. Professora do curso Design Digital na Universidade Federal do Ceará.

Naiana Cabral

Naiana Cabral é graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza UNIFOR, mestra em Arte e Criação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Madri UCM, Espanha e atualmente doutoranda no mesmo programa.